

Médico Português apanhado nas cheias da Alemanha

“Despache-se! Está em perigo. Ponha numa mochila o que precisa para 3 dias. Já voltamos para o buscar.” O testemunho de José Santos, médico no hospital em Niederwenigernem e cooperador do Opus Dei. Sobreviveu a umas cheias e casa-se em agosto.

27/07/2021

Ver o testemunho de José Santos: TSF SIC Notícias Novo Semanário

Às 3 da manhã de 15 de junho, pancadas fortes na porta do quarto acordam-me com sobressalto. São os bombeiros de Hattingen.

Atordoados pergunto o que se passa, porquê tanto aparato. O rio Ruhr saltou as margens e invadiu toda a nossa zona residencial.

Na véspera liguei às autoridades, perguntando se não havia perigo após dias inteiros a chover torrencialmente. Não, estão a monitorizar a situação, de momento não havia recomendação especial, é aguardar.

Seis horas depois, os bombeiros dão-me 5 minutos para sair à pressa.

Perto de mim a força da água derrubou casas e centenas de pessoas desapareceram. Vejo da janela um enorme lago onde há seis horas havia carros, caixotes do lixo, mesas, cadeiras, candeeiros.

A situação é muito grave. Desço do primeiro andar para o rés-do-chão, e não quero acreditar: frigorífico, máquina de lavar roupa, caldeira, bancos, sofás, garrafas, bicicletas, boiam silenciosamente num mar de água que chega à cintura.

Volto para cima, assomo à janela e avisto bombeiros, no seu barco. Não me assusto. Dá-me para dizer aos bombeiros que pelo menos é como em Veneza, até saímos de casa de barco. Os bombeiros não acham graça, eu compreendo. Durante dois dias vão correr atrás da esperança e a fugir da morte, resgatar pessoas e enxugar muitas lágrimas, sentir o

peso de casas destruídas que são vidas alagadas, derrubadas.

Há pessoas nos telhados, e esperam. Desço de novo, entro na água até à cintura, mochila na cabeça, tento mas não consigo abrir a porta. A água de fora teima em fechá-la. Tenho de sair pela janela. Entrego a mochila e o telemóvel e salto da janela para o barco, e acomodo-me junto doutras pessoas e famílias.

Os rostos estão fechados, ensonados, gente a chorar, perderam tudo. Não sei bem porquê, mas estou calmo e sereno e perguntam-me como é que eu consigo estar tão calmo e tranquilo. Sai-me isto: - “Que posso fazer? Estou vivo e bem, o resto deixo nas mãos de Deus.” Sou olhado de soslaio, mas há também quem esboce um sorriso. Perguntam-me se já estive em situações semelhantes, a verdade é que, embora cada situação

seja única, já vivi pior, quando estive na Índia e no Quênia.

Portugal, Espanha, Alemanha, Brasil, Irlanda...

Tudo começou há 12 anos quando deixei Portugal. Com 19 anos, depois de um ano de engenharia biomédica no Instituto Superior Técnico e era residente na Residência Universitária Montes Claros, em Lisboa.

Mudei-me para Saragoça para estudar medicina, residente noutra residência da Obra: “Miraflores”. Depois de 3 anos em Saragoça, decidi partir para a Alemanha estudar na Universidade de Bona e Colónia, residente noutra residência da Obra: “Residência Universitária Schweidt”. Regresso a Lisboa, para seis meses no Hospital Universitário Santa Maria, de novo residente em Montes Claros.

A América do Sul chama por mim e vou para o Brasil, nova experiência

de seis meses na Universidade de São Paulo, e, tentem adivinhar, fiquei na Residência Universitária Pinheiros, também da Obra. Volto à Alemanha aonde termino o meu curso e volto ainda a Saragoça para preparar o exame de acesso à especialidade em medicina.

As residências da Obra, uma evidente constante no meu percurso, foram oportunidades, que pude aproveitar, para estudo intensivo, atividades extracurriculares marcantes, voluntariado (destaco “Cooperación Internacional” e “Schulle Statt Straße”), encontro com pessoas de todo o mundo e com muito mundo. Fiz um campo de trabalho no Quénia que foi marcante.

Desde que comecei a especialidade em neurologia, sempre mantive os meus amigos e uma vida de católico praticante.

Quando estive os últimos seis meses na Irlanda, como parte da minha formação em neurologia, voltei a viver numa Residência da Obra, Gort Ard, onde podia ter missa diária, que me dava a força necessária para poder ajudar os meus pacientes da psiquiatria.

Nossa Senhora da Conceição protege sempre...

Voltemos ao barco. Foi o tempo de andar mais de 500 metros até terra firme. Estávamos mesmo no meio do rio. Levam-nos para um abrigo da proteção civil. Continuo calmo, encaminhado para uma pequena sala onde servem o pequeno-almoço. A minha principal preocupação é tranquilizar a minha família e a minha noiva. Digo-lhes que estou bem, peço que rezem por todos os que estão a sofrer e pelos bombeiros.

Quero ir trabalhar, trabalho num hospital psiquiátrico em

Niederwenigern, mas as estradas estão alagadas. Não é possível entrar nem sair. Os colegas do turno da noite, parece que vão fazer 48 horas de trabalho. Eu ainda chego a ligar para o hospital a perguntar por alternativas: “só se for de helicóptero”. Mas os helicópteros estão todos ocupados a resgatar pessoas. Sem mais nada que fazer, a não ser aguardar por notícias, vou rezando.

Família, amigos e as pessoas da minha terra, Moita dos Ferreiros, são incansáveis e estão em contacto comigo constantemente. Até a presidente da Junta me enviou uma mensagem de força, afirmando que a padroeira, Nossa Senhora da Conceição, protege sempre os moitenses aonde quer que eles vão e em quaisquer circunstâncias.

Às 15 horas as autoridades indicam um hotel onde ficar nas próximas

noites. A incerteza abate-se sobre mim... “O que aconteceu à minha casa, às minhas coisas?” “Quando posso voltar?”. A partir desse momento entendo mais cruamente a realidade que me rodeia. Tento relaxar e procuro uma igreja aberta onde me possa proteger e meditar. Acalmo, é sempre bom ouvir o sussurrar do nosso coração.

A primeira noite é complicada, não consigo dormir e tenho pesadelos...

No dia seguinte, as águas resolvem descer depois de treze horas sem chover, é possível voltar ao trabalho. No trabalho oferecem-me ter cinco dias de férias, mas rejeito veemente. Tenho um dever para com os meus pacientes e, além do mais, o trabalho acalma e deixa-me mais focado.

O que era para ser três dias, transforma-se em dez. Nos primeiros três dias era impossível chegar até casa, continuava tudo alagado.

Depois, as autoridades selaram as casas, até um engenheiro ou arquiteto confirmar que se podia voltar a habitar sem riscos.

A energia elétrica demorou uma semana a voltar, pois tudo tinha que estar seco. Entretanto, em casa, os trabalhos de manutenção e limpeza começaram, imensos escombros saíram, o rés-do-chão ficou muito danificado e teve de se tirar tudo, até o chão. Nada se pôde aproveitar, frigorífico, caldeira, máquina de lavar roupa, tudo para o lixo.

Os prejuízos só na minha área ascendem a mais de meio milhão de euros. Os meus pertences ficaram salvaguardados, o primeiro andar não sofreu danos.

Pude regressar finalmente depois do susto, ainda há muito trabalho para fazer, mas o pior já passou. A esperança nunca me abandonou, caso-me em agosto, sabia que não ia

falhar momento tão importante. O futuro começa hoje e a alegria do amanhã, manteve-me focado e feliz.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/medico-portugues-apanhado-nas-cheias-da-alemanha/> (07/08/2025)